

Emma Wildes

**Um Rumor  
Muito Inconveniente**

Tradução  
Raquel Lopes

 Planeta

## Agradecimentos

Muito obrigada ao meu grupo de apoio: Lara Santiago, Morgan Ashbury e Raina James. Vocês estão sempre do meu lado. E uma saudação também a Juanita Brand, Leshia Stoltz e Celesta Hoffman. Nunca se tem amigas a mais, sobretudo das que estão dispostas a falar de trabalho.

Bill Dikis é um arquitecto muito talentoso e eu admito que essa ocupação em particular me fascina, em grande parte por ser um equilíbrio entre forma e utilidade. Espero ter feito justiça à sua profissão.



*A Mary Ann Smith. Todos te sentimos a falta.*



## Prólogo

O dia estava quase a nascer.

A luz perlada era um laivo de promessa, com o quarto em silêncio, os lençóis revolidos frios contra a pele aquecida.

Talvez dentro de um século a sua respiração recuperasse a normalidade.

O homem que se sustinha por cima de si levantou a cabeça e sorriu, apenas um leve curvar da boca sensual na penumbra. Havia muito que o fogo se reduzira a cinzas, mas ela estava bem quente, apesar da falta de roupas.

– Creio que acabei de regressar a este mundo. – Os lábios dele tocaram suavemente nos seus e a voz rouca comportava um elogio ao contentamento lânguido do rescaldo da paixão, enquanto mantinha um equilíbrio cuidadoso do peso para que este não fosse mais do que uma deliciosa pressão de masculino em feminino, os seios dela pressionados contra o peito duro dele, as ancas dele a afastarem-lhe as coxas. – Tu regressaste?

Teria regressado? Não sabia ao certo. Momentos como aquele pareciam-lhe sempre mais oníricos do que parte da realidade.

Angelina DeBrooke levou a mão ao rosto do amante. Só um toque leve como uma pena com as pontas dos dedos, suaves e delicados, na pele dele. A sombra mínima da barba matinal dava-lhe um ar algo dissoluto.

– Será que podemos ficar assim para sempre? – murmurou ela.

Os dentes dele refulgiram, brancos, com a risada que soltou.

– Aceito o convite.

Ela era *mesmo* uma tola imponderada.

Tudo aquilo estava errado.

E, ao mesmo tempo, plenamente certo. Era espantoso, era mágico, e atemorizava-a para lá dos confins da imaginação.

– Querido... – começou, mas ele tornou a beijá-la, uma pressão persuasiva da boca, a língua a deslizar para o interior da sua boca, provando, reclamando...

Ela riu-se, arqueou o corpo contra o dele, empurrou-lhe os ombros largos em protesto e depois sussurrou com a boca encostada aos lábios dele:

– Ainda não.

– Por que não?

A mão dele segurou-lhe a anca, puxando-a mais contra si. Como se a posição pudesse tornar-se ainda mais íntima.

– Não estás cansado? O dia começa a raiar.

As palavras era sussurradas, urgentes.

Cabelo espesso roçou-lhe no pescoço quando ele abanou a cabeça.

– Nunca fico demasiado cansado quando tu te encontras na minha cama.

Ela estava. Agradavelmente exausta, repleta, satisfeita. Mas sabia que não o rejeitaria.

Nunca.

E depois ele disse as palavras temidas:

– Amo-te.

*Não*, pensou ela, fechando os olhos. *Não deverias amar-me.*

## Capítulo 1

Parecia que não teria a tarde enfadonha que esperava, afinal.

Benjamin Wallace, conde de Heathton, estudou com interesse o cartão que tinha na mão e ponderou como deveria reagir àquela inusitada faceta do seu dia. O mordomo aguardava, mantendo a expressão de zelo cordial.

Não havia dúvida de que deveria recusar tal visita.

Haveria até quem dissesse que ele *tinha* de recusar.

Contudo, não era capaz de resistir ao carácter intrigante daquela situação.

Passados alguns momentos, a assassina mais infame de Londres instalava-se na cadeira do seu escritório, num rodopio de dispendiosa seda de Lyon e um laivo de perfume floral.

– Agradeço-lhe o tempo dispensado para me receber, milorde – disse ela.

– De todo, Lady DeBrooke. – Ele também se sentou, mas atrás da secretária, onde uma quantidade negligenciada de correspondência tediosa aguardava a sua atenção. – Ainda que confesse que a sua visita me suscita curiosidade.

Um eufemismo.

– Sabe tudo a meu respeito. Toda a gente sabe.

Havia que reconhecer que ela não parecia rancorosa, acusadora, nem sequer defensiva. Estava ali sentada, elegante e tão cativante como se dizia que era, numa pose impressionante.



Admiti-lo ou negá-lo? Não tinha a certeza e, como de costume, optou por um meio-termo:

– Decerto sei quem é.

– Mas que diplomático, Lorde Heathton. – O sorriso dela continha um indício denunciador de divertimento sardónico. – É conhecido por ser adequadamente evasivo, quando a situação assim o exige. Tenho a certeza de que sabe ao certo a que me referia quando insinuei que sabe tudo sobre mim. Permita-me que seja mais franca. Está a par de todos os *rumores* que circulam a meu respeito.

Estava, mas preocupava-o muito mais como teria ela ficado a saber *de si*.

– Já fomos apresentados. O seu marido era meu amigo.

Na verdade, estava bem recordado desse encontro. Ela era uma beldade de cabelo asa-de-corvo, com olhos de um cinzento-cristalino, uma figura graciosa e, de peito opulento e cintura estreita, personificava o charme feminino mais tentador. Sobrancelhas de ébano descreviam arcos perfeitos sobre esses olhos prateados, entre os quais o nariz era altivo e recto. Usava um vestido de bom-tom, mas sedutor, com um decote segundo os ditames da moda e, quando se reclinara e cruzara os tornozelos, fora com um movimento lânguido e elegante.

O *haut ton* tinha-lhe dado a alcunha de *Anjo Negro*, e a sua estreia em sociedade fora o acontecimento da temporada desse ano, com dúzias de cavalheiros ávidos pela sua atenção, antes de tudo ter corrido tão mal.

Todavia, era difícil deslumbrá-lo; pelo menos, era essa a opinião que Ben tinha de si mesmo.

– O meu segundo marido, decerto. – O tom dela não era combativo, antes neutro.

Ele inclinou a cabeça.

– Eu e Thomas conhecemo-nos em Cambridge.

– Eram amigos muito chegados?

– Queira ter a delicadeza de me informar quão importante isso é para esta conversa e eu darei o devido peso à resposta.

– Tem o dom de falar sem dizer o que quer que seja, milorde.

Já o tinham acusado disso vezes suficientes para que, em vez de reagir à pequena provocação, ele soubesse perguntar:

– Gostaria de tomar um copo de xerez antes de me explicar por que se encontra aqui?

Passado um instante, ela assentiu com a cabeça.

– Sim, obrigada. Talvez isso ajude.

Parecia-lhe que sim. Não estava tão determinada quanto dava a entender, nem por sombras. A fachada era elegante e polida, mas a trepidação interna revelava-se a alguém capaz de interpretar as *nuances* mais discretas.

E lá estava a verdadeira questão. *Ajude o quê?*

Levantou-se para ir até à mesa das bebidas e serviu-lhe um copo, entregando-lho com uma ligeira vénia.

– Creio ter ouvido a minha mulher referir há pouco tempo que a senhora tinha regressado a Londres.

Ao aceitar a bebida, a mão tremeu-lhe um pouco. Nada de mais, mas o bastante para a denunciar, confirmando a suspeita dele de que a sofisticação era apenas superficial. Lady DeBrooke murmurou:

– Oh, sim, as páginas sensacionalistas dos jornais. Recusam-se a deixar-me em paz.

– A notoriedade pode tornar-se desconfortável, estou certo.

Se a observação franca a atingiu, não o demonstrou.

– Sim.

Ele seria capaz de se dedicar ao jogo de contornar a pergunta como qualquer outra pessoa – quiçá melhor do que a maioria, tendo em conta o seu passado –, mas, naquele momento, só desejava inteirar-se do propósito dela.

– Presumo que não se trate de uma visita de cortesia.

– Preciso da sua ajuda.

Da última vez que ouvira tais palavras, tinha-se visto metido num esquema desagradável que envolvia raptos e vexames. Ben fitou a mulher sentada de costas muito direitas contra o espaldar da cadeira à sua frente e quase seguiu o impulso de se esquivar ao pedido. O seu casamento atravessava um período mais suave do que uns meses antes, os seus investimentos financeiros prosperavam e, embora ser «o conde» não fosse excitante, era satisfatório noutros aspectos...

Talvez não naqueles por que ansiava, embora ficasse contente por estar mais em sintonia com a esposa. De facto, *não* deveria mesmo envolver-se naquilo.

– Que tipo de ajuda? – perguntou, contrariando o seu próprio discernimento.

Por um momento, Lady DeBrooke fitou o líquido no copo, com uma faixa de pestanas longas a criarem sombras nos maldres perfeitos.

– Estou bastante desesperada e consta-me que tem um talento incrível para resolver pequenos enigmas. – Levantou o olhar. – Espero que isso também se aplique a enigmas maiores.

– Quem lho disse?

– Não devo revelá-lo.

Muito bem; ele haveria de o perceber por si mesmo. Já desconfiava de quem poderia ter-lhe indicado o seu nome.

– Quão grande será esse enigma?

– Trata-se de um assassinio.

*Um assassinio? Deveras?*

Ele reclinou-se, sopesando a importância daquela palavra, em particular no caso dela, e depois suspirou. Decerto seria um defeito de carácter o que o levava a sentir-se interessado, mas a verdade era que se sentia. Ela era demasiado bela para ser indeferida e, para mais, estava curioso. Mui-tíssimo curioso, maldito fosse. Tinha cartas a que responder, bem como outros deveres enfadonhos, e ser enredado em mais alguma coisa haveria de o atrasar; todavia, deu por si a dizer:

– Não posso fazer promessas, mas queira prosseguir. Tem a minha atenção.

Justiça lhe fosse feita: não houve quaisquer gestos dramáticos. Ela limitou-se a assentir com a cabeça, e o cabelo espesso e lustroso da sua nuca em movimento realçou o contraste com o pescoço esguio.

– Como talvez saiba, o meu primeiro marido morreu há quase seis anos, vítima de uma enfermidade desconhecida. Era dez anos mais velho do que eu e o casamento tinha sido arranjado pelo meu pai. Eu acabava de fazer dezoito anos, mas William detinha uma baronia e era abastado. Das ofertas que recebeu pela minha mão, o meu pai decidiu aceitar a dele e eu pouca escolha tive. Serei franca e direi que isso não resultou numa ligação amorosa; ele queria apenas uma esposa adequada. – O seu sorriso era frágil. – Alegadamente, terá sido a minha primeira vítima.

– Foi o que ouvi dizer. – Ele manteve a voz calma e sem denotar emoções.

– Pois, imagino que sim. – O tom dela não era nem de longe tão desapaixonado. – Então suponho que também saiba que voltei a casar, vários anos depois.

– Com Thomas, Lorde DeBrooke, que morreu da mesma enfermidade. Ela fez um pequeno gesto, um brinde sardónico com o copo.

– Estou a ver que os intriguistas foram bem-sucedidos. Dado que o conhecia, lembrar-se-á de que Thomas era um bom homem, que eu própria escolhi. Era abastado e enérgico e, ainda que só tenha casado com ele por o meu pai insistir que era demasiado jovem para viver na propriedade da família como uma reclusa, entristeceu-me que tivesse falecido de súbito.

Estaria ela a dizer a verdade? Ele não a conhecia bem – não a conhecia de todo – para poder chegar a conclusões, pelo que se absteve de comentar.

– Foi então que os rumores começaram de facto. Ao início eram insidiosos e, estando eu de luto e longe da cidade, não fazia ideia de ser alvo de suspeitas, até que a minha irmã mo contou. Poderá imaginar como foi chocante ouvi-lo.

Chocante por estar inocente ou por ter a certeza de que ninguém suspeitaria de que alguém tão gracioso e belo como ela fosse capaz de envenenar deliberada e maliciosamente dois maridos?

Eram quase quatro da tarde. Ele deveria ir tomar chá com a esposa e a sua idosa tia, mas sentia-se muito mais propenso a tomar um brande no escritório enquanto escutava a fascinante história daquela visita inesperada. Com esse fim em vista, levantou-se e destapou o decantador para se servir de um cálice. Alicia iria perdoar-lhe por faltar ao chá. Quando lhe relatasse a visita, também ela se sentiria fascinada. A sua esposa ainda era mais inquisitiva do que ele.

A sua visitante inesperada prosseguiu:

– O meu cunhado até me obrigou a enfrentar um magistrado, mas não havia indícios que pudessem dar-me como culpada, apenas suspeitas. O médico que cuidou do Thomas aquando da sua morte não conseguiu asseverar que não se tratasse de alguma espécie de enfermidade, ainda que os sintomas fossem muito similares ao que quer que tenha resultado no falecimento do meu primeiro marido.

Ele recordava-se do escândalo do julgamento. Ela narrava-o de forma correcta. Os jornais sensacionalistas tinham-se agarrado à história

e continuado a explorá-la bem depois da absolvição e de Lady DeBrooke ter voltado à reclusão no campo.

– Compreendo. – Em vez de se sentar, ele encostou-se a uma estante e fez o brande rodopiar enquanto lhe estudava a expressão. – Presumo que queira dizer-me que julga que eles *foram* assassinados, embora não às suas mãos.

– Muito astuto, milorde. É aqui que lhe recordo que tenho a vantagem de saber que estou inocente. – Arqueou as sobrancelhas finas. – Um lugar-comum, estou ciente, mas bem verdadeiro. Quanto mais penso nisso mais me parece possível. – O seu olhar era directo.

Não se dava o caso de ele não estar interessado no desafio, mas queria ser franco.

– O *ton* é conhecido pela sua falta de complacência. Julga de facto que, mesmo que eu fosse capaz de desvendar dois assassínios que aconteceram há anos, isso restauraria a sua posição social, Lady DeBrooke? Ou será justiça o que procura?

– Nem uma coisa nem outra – respondeu ela num tom comedido. – Desejo voltar a casar.



O conde de Heathton não era bem aquilo que ela esperava. Angelina tinha-se cruzado com ele uma ou duas vezes, pelo que o reconheceria, claro. Tinha uma beleza discreta, com cabelo louro e espesso e feições clássicas, era alto e largo de espáduas, no que se assemelhava a muitos dos cavalheiros aristocráticos que ela conhecia, mas a diferença era a inteligência acutilante presente no seu olhar e a subtil elegância atlética com que se movia. Não seria capaz de o definir com precisão, mas havia nele uma aura de caçador, que não envolvia nem cavalos nem cães de fila.

Tinha sido doloroso para o seu orgulho fazer aquela visita. Ao longo de toda a horrível série de acontecimentos que se haviam seguido à morte de Thomas, aprendera muito acerca de desprezo e desconfiança, incluindo ser ostracizada por antigos amigos, já para não referir as acusações estridentes da família vingativa do marido. Não havia qualquer garantia de que Lorde Heathton acedesse sequer a recebê-la.

A apreensão provava que ainda não tinha o calo necessário para suportar o desdém dos seus pares.

– Deseja poder casar de novo quando o mundo já não julgar que envenenou os seus maridos, ou deseja casar com alguém em particular? – perguntou-lhe ele no tom neutro que tinha vindo a empregar durante toda a conversa.

– Temo demasiado pelo bem-estar dele para aceitar o seu pedido. – Depois da resposta oblíqua, ela tomou um fortificante gole de xerez. – É possível que a malícia me seja dirigida. Tenho noção de que isto parecerá melodramático e talvez até megalómano, mas eles eram dois homens muito distintos, sem qualquer ligação que eu seja capaz de discernir, à excepção de ambos terem tido a infelicidade de casarem comigo.

– É decerto uma teoria interessante. Se estiver correcta, fará ideia de quem poderá dedicar-lhe suficiente má vontade para dar o passo drástico e concreto de matar duas pessoas?

– Quem dedicará suficiente má vontade a quem quer que seja para fazer tal coisa, milorde? – A voz falhava-lhe, embora se esforçasse por controlá-la.

Não havia dúvida de que era uma questão premente.

– Talvez se surpreendesse com o que leva certos indivíduos a optar por medidas extremas que a maioria de nós nunca tomaria em consideração.

Como se ela mesma não tivesse passado noites insones e tardes inquietas no seu exílio, a contemplar aquela mesma pergunta. Com convicção, respondeu:

– Não faço ideia.

Ele não parecia desanimado, mas a verdade era que a sua expressão enigmática era difícil de decifrar.

– Talvez um amante frustrado, Lady DeBrooke? A senhora é muito encantadora.

O elogio era lisonjeiro, mas ela abanou a cabeça.

– Fui fiel a ambos e, quando casei com William, era muito jovem. Mal tinha feito a minha estreia em sociedade quando o nosso casamento foi arranjado. Não havia amantes despeitados no meu passado, por mais vilipendiado que este possa ser.

E apesar de a ter tratado mais como uma propriedade do que como uma pessoa, William fizera-lhe um enorme favor e deixara-lhe uma herança generosa. Após a sua morte, ela tinha usado discretamente o dinheiro, investindo-o com a assistência de um amigo de confiança, sob outro nome, por saber que o pai faria questão de que ela tornasse a casar. Fora prudente fazer isso; caso contrário, a família de Thomas teria acabado não apenas com o dinheiro dele mas também com o dela. De acordo com a lei inglesa, o marido controlava tudo o que a mulher aportasse ao casamento. Embora o cunhado não tivesse conseguido mandá-la para o cadafalso, apoderara-se de imediato da fortuna de Thomas e não lhe providenciara sequer uma pensão.

Caso alguém houvesse descoberto que criara outra identidade e fora acumulando uma pequena fortuna, ela poderia ter sido enforcada. A ideia provocava-lhe sempre calafrios. Não fora mais do que precaução da sua parte e um gesto para obter um certo grau de independência, mas era verdade que parecia calculista. Assim sendo, levava uma vida modesta, não fosse alguém inquirir acerca da proveniência do dinheiro.

– Precisaréi de uma lista de todos os criados que estiveram consigo nos dois domicílios e também de amigos e até familiares que a tenham visitado.

Aquilo parecia promissor.

– Então irá ajudar-me?

– Não sei se poderei prestar-lhe alguma ajuda. – O tom dele era calmo e ponderado. – Mas pelo menos tentarei.

A mera possibilidade de o peso lhe ser tirado dos ombros provocava-lhe uma alegria intensa. Sussurrou:

– É tudo o que posso pedir.

– Fale-me do seu amante actual.

– O que o leva a pensar que eu... – Parou, sentindo um leve rubor nas faces, e desviou o olhar. – Reconheço que sou uma mulher adulta, casada por duas vezes, pelo que será lógico presumir que ele partilha a minha cama.

Na verdade, acabava de celebrar o vigésimo quarto aniversário, mas sentia-se bem mais velha.

– Isso não me diz respeito, mas, como compreenderá, quanto mais souber maior será a facilidade e a discrição com que poderei recolher informação.

Discrição. Era isso que ela queria. A garantia de que Lorde Heathton contribuiria com o seu próprio secretismo fazia parte da razão pela qual se encontrava no escritório dele.

Angelina assentiu uma vez, com toda a determinação que era capaz de invocar.

– Ele não participa nisto, excepto na medida em que já não consigo aceitar o que aconteceu sem nada fazer. O horror do julgamento e do escândalo fez-me desejar esconder-me do mundo. Mas isso, segundo percebi, não resulta e, para mais, não é justo, nem para mim nem para ele. E nem mesmo para William e Thomas, já agora, não tentar descobrir a verdade.

– Compreendo os seus motivos e concordo, mas, se deseja que eu investigue este assunto, deixe-me avaliar o que poderá ser importante.

Era um pedido justo. Na verdade, mais do que justo, pois ela nada lhe oferecia em troca. O conde de Heathton não precisava do seu dinheiro. Isso ela já sabia. Angelina pouco tinha para lhe oferecer, para além do desafio.

E haviam-lhe assegurado que aquele problema bicudo poderia espiçar-lhe o interesse.

– Ele não quer saber da nuvem que paira por cima de mim e considera que é capaz de se defender – disse ela, tendo o cuidado de não manifestar qualquer inflexão na voz. – Eu não concordo. Como poderá alguém defender-se de um veneno desconhecido? Não é possível, se o assassino estiver decidido, a menos que alguém nos prove a comida, um costume bárbaro que há muito desapareceu.

– Pelo menos em Inglaterra – anuiu Heathton. – Os governantes da África do Norte ainda o empregam, segundo me consta. Seria difícil viver assim, desconfiando de tudo o que se come ou bebe. Eu conheço-o?

Uma forma educada de perguntar se o amante dela pertencia ao mundo aristocrata.

– Se calhar – admitiu.

– Bem me parecia.



– Porquê? – perguntou, curiosa.

Eles tinham sido tão circunspectos que nem a sua criada suspeitava de que ela andasse a encontrar-se clandestinamente com alguém. Alternando manhãs, tardes e noites, serviam-se de lugares diferentes e nunca se reconheciam em público. Ela insistira e, com relutância, ele acedera, embora jurasse que não se importaria se fossem vistos juntos.

No entanto, caso algo lhe acontecesse, ela não resistiria. Sobrevivera ao resto. Às acusações, ao vilipêndio público, à reclusão em que até os criados sussurravam nas suas costas; mas que lhe sobreviesse algum *mal* por sua causa era inconcebível. Ela ficaria desfeita e os danos seriam irreversíveis.

– Conhecemo-nos há cerca de seis meses. Ainda me restam alguns amigos e fui convidada a ir uma pequena festa. – Recordar esse fim-de-semana causou-lhe um pequeno sorriso remissivo, uma indulgência que se permitiu. – Sei que poderá parecer-lhe uma historieta romântica feminina, mas tratou-se de um daqueles momentos. Entrei na sala de estar, olhámos um para o outro e eu *soube*.

Abençoada fosse Eve por tê-lo convidado. Por ter convidado os dois. Acrescentou:

– Creia-me, seria a última pessoa a acreditar em amor à primeira vista, milorde. Sinto-me mais grata por ele ter ajustado a visão cansada e desencantada que eu tinha do mundo do que poderá imaginar. Considero que o amor tem a capacidade de curar até as feridas mais profundas.

No silêncio que se gerou depois de ter pronunciado aquelas palavras, ela teve a impressão, ainda que passageira, de ter deixado o até então imperturbável conde de Heathton desconfortável. Teria sido a menção da palavra «amor»?

A expressão do conde era demasiado moderada para que o percebesse.

– Depreendo que se tenha instalado em Londres. Indique-me o endereço e eu corresponder-me-ei consigo conforme for necessário.

Ela acenou com a cabeça, pegando na pena e no velino que se encontravam sobre a secretária à sua frente para anotar a morada da casa que arrendara. Ao menos ele não tinha exigido saber o nome do homem que lhe proporcionara um vislumbre de felicidade, pois sentia-se relutante quanto a dar-lho. Era ele o catalisador que a fazia agir, mas ela queria protegê-lo tanto quanto fosse possível.

Ao levantar-se para partir, ela hesitou e voltou-se de novo para o homem alto ainda com um ombro encostado a uma estante cheia de volumes poeirentos e antigos, com letras douradas e esmaecidas que formavam palavras em latim nas lombadas. Lorde Heathton correspondeu-lhe ao olhar com uma sobrancelha arqueada e um ar inquisidor.

– Não desejo levá-lo a reconsiderar, pois sinto-me mais agradecida do que poderá imaginar, mas... por que acedeu a prestar-me auxílio?

– Porquê? – Os olhos cor de avelã fitavam-na com um despreendimento enigmático. – Porque, se o que me conta é a verdade, enfrenta um inimigo deveras temível, e eu teria o maior prazer em superá-lo.

